

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ESCRITORES / REALIZADORES

9 de Maio de 2023

### TRANS-EUROP-EXPRESS / 1966

TRANS-EUROPA EXPRESSO

*um filme de* ALAIN ROBBE-GRILLET

*Argumento e Realização:* Alain Robbe-Grillet *Fotografia:* Willy Kurant *Som:* Raymond Saint-Martin *Montagem:* Bob Wade *Música:* Giuseppe Verdi *Interpretação:* Jean-Louis Trintignant (ele próprio/Elias), Marie-France Pisier (Eva), Nadine Verdier (empregada do Hotel), Christian Barbier (Lorentz), Charles Millot (Franck), Daniel Emilfork (polícia), Henri Lambert (Inspector), Alain Robbe-Grillet (Jean), Catherine Robbe-Grillet (Lucette), Paul Louyet (Marc), Virginie Vignon (vendedora da mala), Gérard Palabrat (Mathieu), Raoul Guyland, Rezy Norbert, Salkin, Ariane Sapriel.

*Produção:* Como Film Production (França, Bélgica, 1966) *Produtor:* Sammy Halfon *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, preto-e-branco, legendada em português, 94 minutos *Estreia:* 1966, em França (onde estreia comercialmente em 25 de Janeiro de 1967) *Estreia em Portugal:* Lisboa, 22 de Novembro de 1975 (Estúdio).

**sessão apresentada por Paula Mendes Coelho**

---

Alain Robbe-Grillet, tornado célebre no cinema com o seu trabalho de argumentista de O ÚLTIMO ANO EM MARIENBAD (Alain Resnais, 1961), em que justamente se reconhece a abertura a novas possibilidades narrativas fílmicas, transportou para o cinema o estilo literário que o definiu como escritor e pensador do movimento francês do “nouveau roman” a que se dedicou a partir dos 30 anos e da súbita mudança de vida que na década de 1950 o levou da engenharia agrónoma à literatura. É uma marca perceptível nos argumentos escritos para outros cineastas – além do citado MARIENBAD, TAXANDRIA (Raoul Servais, 1996) – e evidentemente nos seus próprios filmes: L’IMMORTELLE (1963), com o qual se iniciou na realização no mesmo ano em que publicou *Pour un Nouveau Roman* (coligindo textos escritos entre 1955 e 1963), este TRANS-EUROP-EXPRESS, e depois L’HOMME QUI MENT (1968), N A PRIS LES DÉS e L’ÉDEN ET APRÈS (1971), GLISSEMENTS PROGRESSIFS DU PLAISIR (1973), LE JEU AVEC LE FEU (1975), LA BELLE CAPTIVE (1982), UN BRUIT QUI REND FOU (1995).

A narrativa desconstruída de TRANS-EUROP-EXPRESS, que pode ser descrito como rondando um casal que imagina uma intriga num comboio onde algo de parecido terá de facto tido lugar, é bem exemplo da vontade de imprimir num filme o seu próprio processo de construção, no caso, muito próximo do de um romance em “pirâmides imaginárias”, tal e qual Robbe-Grillet definiu o seu trabalho literário: a visibilidade do processo criativo, a recusa da cronologia, do realismo, da narrativa fechada e polida. O espaço da ficção é certo – as estações de Paris, França e Antuérpia, Bélgica como pontos de chegada ou partida para a viagem de comboio entre uma e outra cidade a bordo do Trans-Europ-Express. Tudo além dele se alimenta de elementos incertos e de hesitações, das personagens ao tempo da acção. “Um filme ou vários filmes, encadeados uns nos outros”, “que saem uns dos outros”, TRANS-EUROP-EXPRESS foi referido por Robbe-Grillet (numa entrevista de 1967) como um “filme policial, filme de imaginação, um filme sobre a imaginação, um filme erótico” no sentido do erotismo como questão de imaginário, “o imaginário da

sensibilidade e o imaginário da compreensão”, e ainda um filme que guarda uma dimensão de humor retirada da “distância entre as coisas e a sua expressão”.

A aventura de *TRANS-EUROP-EXPRESS*, uma aventura “policia, em vias de se fabricar e de se incendiar”, começa nas ruas de Paris com câmara à mão, fazendo jus a um ritmo muito Nouvelle Vague; depressa se anuncia como *film on film* – rodar um filme, uma ficção, sobre uma operação de tráfico de cocaína entre Antuérpia e Paris; avançando depois em recuos sucessivos sob a lógica do baralhar dos dados (e das regras da *mise-en-scène*). O pretexto do enredo vagamente policial é pois o da preparação de um filme durante uma viagem de comboio pelo realizador, a sua mulher e o produtor. O facto de o realizador ser interpretado pelo próprio Robbe-Grillet e o protagonista da história em preparação, Elias, ser também identificado com Jean-Louis Trintignant, o actor que o interpreta, são outros elementos que favorecem a perturbação instalada à medida que a personagem do realizador vai organizando a estrutura do filme e limando incongruências da caracterização das personagens ou de *raccord*. “Não o reconheceste? É Trintignant.” Deste efeito-espelho há outras réplicas no filme, por exemplo, quando Elias explica à rapariga no café que o criado não é senão um actor a fazer de criado. E há o caso do registo no gravador de bobines que os protagonistas transportam, culminando na última “piscadela de olhos” para a câmara com a reunião do casal na gare da estação. Sobre “piscadelas de olhos” lembre-se a do plano filmado por Jean-Luc Godard no ano anterior, interrompendo o fluxo narrativo dos fugitivos Jean-Paul Belmondo e Anna Karina em *PIERROT LE FOU*, que o olhar e a fala de Karina (Marianne) quebram quando esta se volta para a câmara numa referência directa ao espectador.

No filme de Robbe-Grillet, pelo tom de algumas falas, pela maneira como alguns planos se substituem a planos anteriormente fixados, vibra uma vertente lúdica, construindo-se a ficção como um jogo que vale a pena ser jogado pelo prazer que proporciona aos seus autores. Mesmo que para isso se force a nota, podendo ir-se do exagero da esquematização à caricatura, evidente, por exemplo, na caracterização inicial dos *gangsters*. Já os traços obsessivos que caracterizam o comportamento de Elias, tudo indica devedores das características literárias de Robbe-Grillet (nomeadamente em *Un Régicide*, *Le Voyeur*, *La Jalousie*, *Dans le Labyrinthe*) que deram a este filme parte da sua fama, confluem nas sequências dos encontros sadomasoquistas entre o par Jean-Louis Trintignant/Marie-France Pisier. De qualquer modo, se a viagem de comboio é o pretexto para a viagem imaginária ou se se trata do contrário, não é decisivo. À semelhança das provas a que Elias é várias vezes submetido e que supera com melhores ou piores resultados, talvez seja o espectador que Robbe-Grillet se propõe testar na viagem de *TRANS-EUROP-EXPRESS*.

Maria João Madeira